

LISBOA, TOPONÍMIA NO FEMININO VIII

Virgínia Dias

Freguesia de Benfica

Rua Actriz Adelina Abranches (Edital de 10.11.1966) – Margarida Adelina Abranches ou Adelina Ruas, nasceu em Lisboa na freguesia dos Anjos a 15 de Agosto de 1866.

A sua acentuada vocação para as artes teatrais surgiu bastante cedo: estreou-se no Teatro D. Maria II na comédia *Os Meninos Grandes*. Quatro anos depois, voltou ao palco, agora no teatro da Rua dos Condes, interpretando o papel de mulher dum pescador na peça *A Cebola Misteriosa* e, novamente no Teatro D. Maria II, integrou o elenco de *A Mulher que Deita Cartas*, *D. Leonor de Bragança* e a comédia *A Varina*, de Fernando Caldeira.

Durante a década de 70, Adelina Abranches trabalhou alternadamente no Teatro D. Maria II e no Teatro da Rua dos Condes. Em 1880 assinou contrato com o Teatro Luís de Camões, em Belém e, dois anos depois, com o Teatro do Rato. Representou no Porto, em Lisboa, nos Açores e na Madeira, nas províncias e na maioria dos Estados do Brasil.

Entre as largas dezenas de peças que interpretou, destacamos as seguintes: *Mistérios de Lisboa*, *Maria da Fonte*, *Dama das Camélias*, *Severa*, *Amor de Perdição*, *Auto da Maria Parda*, *Domador de Sogras*, *Orestes* e a revista *Romaria*, o último papel que interpretou em Lisboa em 1943 e um ano depois em Setúbal.

Adelina Abranches foi casada com o empresário Luís Ruas e mãe de Aura Abranches e Alfredo Ruas, também eles integrados no mundo das artes. Condecorada com a Ordem de Santiago da Espada, foi-lhe também concedida a Medalha de Ouro da Cidade de Lisboa. Em 1970, a Câmara Municipal desta cidade mandou ainda descerrar uma lápide no n.º 11 da Travessa do Desterro, a casa que viu nascer aquela que faleceu na capital em 1945.

Rua Actriz Maria Matos (Edital de 10.11.1966) – De seu nome completo Maria da Conceição de Matos Ferreira da Silva, esta notável atriz, dramaturga e professora de estética teatral, nasceu na capital a 29 de Setembro de 1890. Foi aluna no Real Conservatório de Lisboa, onde estudou canto, piano e arte dramática com professores como José António Moniz, D. João da Câmara e Augusto de Melo. O exame final foi realizado na peça que Júlio Dantas escreveu propositadamente para ela: *Rosas de Todo o Ano*.

A sua estreia oficial deu-se no ano de 1907, no Teatro D. Maria II, com a peça em verso de Augusto de Lacerda, *Judas*. No ano seguinte, foi nomeada societária desta instituição, juntamente com importantes vultos da cena portuguesa como Adelina Abranches, Ferreira da Silva, entre outros. A sua vida particular ficaria também ligada ao teatro quando, em 1913, casou com o actor Mendonça de Carvalho. Mudou-se então para o Teatro do Ginásio, do qual se tomou empresária, e formou com o marido a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho. A sua dedicação às artes de palco e o seu prestígio como atriz foram reconhecidos logo em 1915, quando o Diário do Governo publicou uma portaria louvando-a pelos seus serviços prestados à cultura nacional.

Depois da I Guerra Mundial, o crescente prestígio de Maria Matos estendeu-se além-fronteiras: foi ao Brasil, onde voltou várias vezes devido ao êxito alcançado, aos Açores e à Madeira e, já no final da década de 30, percorreu, no continente africano, toda a costa ocidental e oriental portuguesa. Entretanto, em 1934, foi-lhe atribuído o hábito de Santiago da Espada.

Entre as suas actividades profissionais destacamos: a tradução (de peças de Pirandello – *A Ameaça*, *Teresa Raquin* e *Tutto Per Bené*), a dramaturgia (escreveu peças como *A Tia Engrácia*, *Direitos do Coração* e *Escola de Mulheres*, grandes êxitos não só em Portugal, mas também nas colónias e no Brasil), a escrita (publicou as obras *África*, *Dizeres do Amor e da Saudade*, *História da Minha Vida* e *Arte de Representar*), a docência (foi nomeada professora do Conservatório Nacional de Lisboa em 1940 para a cadeira de Estética Teatral, passando posteriormente para a cadeira Arte de Dizer) e a representação (no teatro, com peças que obtiveram grande êxito como: *A Vizinha do Lado*, *Comissário de Polícia*, *Malvalouca*, *A Inimiga*, entre muitas outras; no cinema com a inesquecível versão cinematográfica d'*O Costa do Castelo* de João Bastos).

Maria Matos faleceu em Lisboa em 1952. Para sempre serão recordados os seus inesquecíveis papéis em farsas e comédias que fizeram dela um verdadeiro ídolo, mas também toda a sua acção em prol da arte nacional, que viria a ser reconhecida na atribuição do seu nome àquele que é ainda hoje denominado Teatro Maria Matos.

Rua Amélia Rey Colaço (edital de 21.08.1990) – Oriunda de famílias aristocratas e ligadas ao mundo das artes (o pai era o grande pianista e compositor Alexandre Rey Colaço, professor dos príncipes; a avó, a conhecida Madame Reinhardt, possuía um salão literário e musical em Berlim), Amélia Smith Lafourcade Rey Colaço Robles Monteiro nasceu em Lisboa em 1898.

Desde a mais tenra idade recebeu uma formação invulgarmente requintada. Aos quinze anos, apaixonou-se pelo teatro ao assistir na Alemanha aos espectáculos de Max Reinhardt. Recebeu aulas de Augusto Rosa e a 17 de Novembro de 1917 estreou-se no Teatro S. Luís com a peça *Marianela*, de Perez Galdos. Para interpretar a personagem de uma rude vagabunda, andou, durante meses, descalça e em farrapos nos jardins do seu palacete. O êxito foi estrondoso.

Em Dezembro de 1920 casou com o actor Robles Monteiro, com quem fundou uma companhia de teatro em 1929, à qual, por concurso, foi atribuída a exploração do Teatro D. Maria II, que durou mais de quarenta anos. Inicialmente, deu preferência aos autores nacionais (revelou ao público clássicos como Gil Vicente e António Ferreira), integrando também autores estrangeiros (antigos e modernos, franceses, espanhóis, alemães e italianos). Criou os espectáculos ao ar livre, em cenários de catedrais, jardins e castelos, ficando famosos os que organizou no adro do Mosteiro de Alcobaça, nos jardins do Palácio de Cristal, junto ao Castelo de Guimarães, entre muitos outros.

Amélia Rey Colaço imprimiu aos seus espectáculos um cunho de elegância, bom-gosto e requinte que não era habitual no nosso país. Para superar todas as expectativas e valorizar o seu trabalho, surpreendendo o público com a novidade das suas criações, contratou pintores de prestígio (Almada Negreiros, Eduardo Malta), actores que eram verdadeiros ídolos na época (Palmira Bastos, Alves da Cunha, Vasco Santana, Maria Matos), mas também revelou novos actores (Eunice Munoz, Carmem Dolores, Maria Barroso, João Villaret, Maria Lalande). Criou ainda o Teatro dos Novos e organizou concertos e espectáculos de dança.

Deslocou-se em digressão ao Brasil e representou em Paris. Por cá, revelou ousadamente o que de mais avançado surgia no mundo: Cocteau, Pirandello, Lorca, Ionesco, Pinter, entre outros.

Viúva em 1958, ficou sozinha à frente da companhia. Em 1960, foi-lhe atribuído o prémio da crítica "Lucinda Simões", pela melhor interpretação na peça de que foi protagonista, *A Visita da Velha Senhora*. Foi agraciada com a Comenda da Ordem da Instrução e o Oficialato da Ordem de Santiago. Em 1967, quando festejou os cinquenta anos de carreira, foi homenageada no Teatro S. Luís e condecorada pelo Chefe de

Estado com a Comenda da Ordem de Cristo. Mais tarde, foi ainda distinguida com as Insígnias de Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras.

Ao longo da sua carreira, os incêndios em teatros perseguiram-na: cinco edifícios onde actuou foram pasto das chamas (S. Luís, Trindade, D. Maria II, Avenida e Capitólio), dois dos quais ruíram por completo. Todavia, jamais desistiu de manter acesa a chama do teatro, apesar de tudo: dos incêndios e da ditadura.

A sua despedida profissional deu-se em 1974. Porém, viria ainda a surgir na televisão, integrando o elenco da inesquecível série *Gente Fina É Outra Coisa*. Estava previsto o seu regresso aos palcos em 1985, mas o seu periclitante estado de saúde já não o permitiu.

Amélia Rey Colaço, a grande senhora do teatro português, a actriz versátil, morreu em Lisboa a 8 de Julho de 1990, junto da filha, Mariana Rey Monteiro, também ela actriz.

Rua Aura Abranches (Edital de 31.01.1978) – Actriz e escritora, Aura Abranches Ruas Grijó nasceu em Lisboa na freguesia dos Anjos, a 9 de Maio de 1896. Filha do empresário Luís Ruas e da grande actriz Adelina Abranches, estreou-se no Teatro D. Maria II com apenas 12 anos na comédia *Zefu*, um original de Maximiliano de Azevedo.

Ao lado da mãe, representou diversos géneros teatrais nos palcos dos principais teatros do Porto e Lisboa, fazendo igualmente digressões pela província, Açores, Madeira, Brasil e África e, no cinema, participou com igual êxito no filme *O Primo Basílio*, dirigido por António Lopes Ribeiro.

Como dramaturga, publicou algumas peças, nomeadamente *Comédia da Vida* (1930), em colaboração com Branca de Gonta Colaço, e *Quantas Vezes a Mãe Canta* (1939), desta vez com Alice Ogando. Traduziu *O Pardalito* e, em homenagem a sua mãe, publicou *As Memórias de Adelina Abranches*.

Aura Abranches participou também na Emissora Nacional, interpretando teatro radiofónico, e na RTP onde, em 1960, criou um programa semanal para crianças.

Casada com o actor Joaquim Pinto Grijó, era irmã de Alfredo Ruas, também actor, e foi mãe do artista plástico Fernando Abranches. Quando faleceu, em 1962, a actriz trabalhava ainda no Teatro D. Maria II.

Rua Carolina Michaelis de Vasconcelos (Edital de 05.06.1972) – Professora e escritora, nasceu em Berlim a 15 de Março de 1851 e era filha do Dr. Gustavo Michaelis, professor universitário que se dedicava ao estudo da taquigrafia, ortografia e fonética.

Entre os sete e os dezasseis anos, frequentou em Berlim a Escola Superior Municipal para jovens do sexo feminino e, tendo em conta que o ensino superior ainda estava vedado às mulheres, foi orientada nos seus estudos de autodidacta por Carlos Goldbeck, docente da referida escola. Desde 1865, dedicou-se ao estudo das línguas e literaturas clássicas, românicas, semíticas e eslavas. Datam dos seus dezassete anos as primeiras publicações dos seus trabalhos literários em revistas da especialidade. *Sob influência do referido professor, aprendeu espanhol e português e, em 1872, foi nomeada intérprete oficial das línguas ibéricas.*

Na sequência da polémica originada pela publicação da tradução feita por Castilho de *Fausto*, iniciou correspondência com vários escritores portugueses com quem passou a trocar assídua correspondência sobre história, literatura, crítica e bibliografia. Além de Adolfo Coelho e Teófilo Braga, entre eles contava-se também aquele que viria a ser seu marido em 1876, Joaquim de Vasconcelos. A partir desse momento, fixou residência no Porto.

Em Portugal, continuou a investigar a história, a literatura, a língua, a etnografia e o folclore portugueses, com especial incidência no período arcaico e quinhentista da nossa cultura, para o qual deu sem a menor dúvida um contributo importantíssimo com obras e estudos como: *Pedro de Andrade Caminha, A Infanta D. Maria e as Suas Damas, Estudos Sobre o Romanceiro Peninsular, Romances Velhos em Portugal, Notas Vicentinas – Preliminares de uma Edição Crítica das Obras de Gil Vicente, Saudade Portuguesa – Divagações Filológicas e Literário-Históricas em Volta de Inês de Castro e do Cantar Velho “Saudade Minha – Quando Te Veria”, Das Origens da Poesia Peninsular*, entre muitos outros.

Foi feita sócia honorária do Instituto de Línguas Vivas de Berlim (1877) e doutora “honoris causa” da Universidade de Friburgo (1893), da de Coimbra (1916) e da de Hamburgo (1923). D. Carlos conferiu-lhe no início do século o Oficialato da Ordem de Santiago e, pouco depois de se reformar da profissão docente, já em plena República, foi nomeada professora, por distinção, da Faculdade de Letras de Lisboa, onde não chegou a exercer funções, pois a de Coimbra, onde foi responsável pela cadeira de Filologia Portuguesa, estava mais próxima do Porto, onde fixara residência.

Carolina Michaelis de Vasconcelos ali morreu a 16 de Novembro de 1925. A porta da sua casa na Rua da Cedofeita, uma mistura de museu com biblioteca, manteve-se sempre aberta aos intelectuais portugueses que buscavam o apoio da sua generosa erudição.

Rua Elvira Velez (Edital 04.02.1993) – Nascida em Lisboa, a 19 de Novembro de 1892, Elvira Sales Velez Pereira descobriu cedo a sua vocação para o teatro, a qual foi tenazmente combatida pela forte influência paterna, de que só se libertaria aos 21 anos.

Foi em 1913 que se deu a sua estreia no Teatro Moderno, na peça *Os Grotescos*. No ano seguinte, integrou o elenco do Teatro S. Luís, do qual também faziam parte Ângela Pinto e Chaby Pinheiro. Desta forma, tomou contacto com os grandes nomes do teatro nacional: Adelina e Aura Abranches, António Silva, Maria Matos, Vasco Santana, Brunilde Júdice, entre outros. A sua consagração deu-se em 1920 quando contracenou em várias peças com a actriz Palmira Bastos, que lhe transmitiu muito do seu saber.

Integrada na companhia Cremilda de Oliveira-Chaby Pinheiro representou nos palcos portugueses e em 1925 fez uma digressão ao Brasil. Findo o contrato com esta companhia, por lá ficou na empresa do actor Leopoldo Fróis, onde desempenhou papéis de grande destaque, actuando nos palcos das principais cidades brasileiras. De regresso a Lisboa no ano seguinte, transitou para a companhia de Mirita Casimiro, onde permaneceu muito tempo.

Em 1932, deu-se o regresso ao Brasil, desta feita incorporada na companhia organizada por Adelina Abranches, actuando nos teatros do Rio de Janeiro, S. Paulo, Santos, Rio Grande do Sul, entre outros.

Várias foram as companhias das quais fez parte quando regressou ao seu país: Maria Matos, Berta de Bivar-Alves da Cunha, Vasco Santana, Giuseppe Bastos e Empresa Vasco Morgado. Datam de meados do século XX as suas actuações em revistas (*Agora é que São Elas e Abril em Portugal*), assim como a sua participação no cinema com papéis em filmes como *Aldeia da Roupa Branca*, *Homem Às Direitas* e *Um Grito na Noite*, para referir apenas alguns a título de exemplo. Igualmente a rádio e a televisão tiraram partido da sua inesgotável capacidade de comunicar.

Em 1970 foi-lhe atribuído o prémio Lucília Simões – Melhor actriz do Ano – pelo notável desempenho em *A Relíquia* e *Tombo do Inferno*.

Elvira Velez, que faleceu em Caxias em 1981, foi condecorada com a Ordem de Santiago da Espada e galardoada pela Cruz Vermelha e pela Caritas.

Rua de Emília das Neves (Edital de 07.08.1911) – Notável actriz de teatro dramático e comédia, Emília das Neves e Sousa nasceu em Lisboa, na freguesia de Benfica, a 5 de Agosto de 1820. Desde muito cedo demonstrou grande inteligência e talento, além de ser dona de uma grande beleza e de uma voz suavíssima, o que lhe valeu ser carinhosamente chamada “A linda Emília”.

Em 1834, com catorze anos, quis ser dançarina no Teatro S. Carlos, mas acabou por desistir de tal projecto a conselho dos amigos. Quatro anos depois, a viver em casa de uma família relacionada com o actor Ventura, integrado no elenco do Teatro da Rua dos Condes, teve pela primeira vez contacto com o mundo dos palcos, pelo qual imediatamente se apaixonou, ao assistir à representação de uma peça da qual decorou grande parte do papel da protagonista.

A partir daqui, nunca mais parou. O próprio Almeida Garrett, ao ouvi-la, percebeu que tinha ali a actriz ideal para representar o papel da princesa Beatriz na sua peça dramática *Um Auto de Gil Vicente*. A estreia deu-se no Teatro da Rua dos Condes, onde continuou a criar numerosos papéis importantes, sempre fervorosamente aclamada pelo público, pelos autores e pelos tradutores que não queriam outra actriz. Além de papéis dramáticos, também representou comédias, tais como *O Meu Amigo Grandet* e *Primeiras Proezas de Richelieu*.

Já na década de 40, quando abriu o Teatro D. Maria II, para lá se mudou com toda a companhia da Rua dos Condes. Actuou no Porto e, em 1864, partiu em digressão para o Brasil, onde se manteve durante dois anos.

Em 1880, abandonou definitivamente os palcos. Do seu repertório salientam-se, a título de exemplo, as seguintes obras: *Doida de Montemayor*, *Gladiador de Ravenna*, *Faustina*, *A Lei dos Morgados*, *A Calúnia*, *Duas Mães*, *Dalila*, *Medeia*, *Lucrecia Bórgia* e aquela que parece ter sido a sua última peça, *Meia Azul*.

Emília das Neves morreu em Lisboa a 19 de Dezembro de 1883 e foi casada com o escritor e general de divisão D. Luís da Câmara Leme.

Rua Helena de Aragão (Edital de 10.04.1969) – Nome literário da jornalista e escritora Helena Augusta Teixeira de Aragão Breia, nascida em Lisboa, a 16 de Julho de 1880. Neta paterna do Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, numismata, escritor e médico militar, Helena Aragão dirigiu, a partir de 1925, o *Suplemento de Modas e Bordados do Século*, assim como as revistas *Eva* e *Fémína*. Colaborou em revistas portuguesas, nomeadamente na *Ilustração*, *Ilustração Portuguesa* e *Civilização*, tendo também sido redactora do jornal *O Mundo*, a partir de 1933.

A sua obra abarca vários géneros narrativos, nomeadamente o conto, a novela e o romance, respectivamente em *Sombras e Claridades*, *Caminhos da Vida*, *Ruínas* e *A Filha de Mendigo*. Sob o pseudónimo de Agarena de Leão, escreveu livros para crianças, como por exemplo *Quem Não Quer Ser Lobo* e *Travessuras*. Helena de Aragão, que viria a falecer em Lisboa em 1961, compôs também obras musicais e poéticas.

Rua Irene Lisboa (Edital de 10.04.1969) – Escritora e professora primária, Irene do Céu Vieira Lisboa nasceu no Casal da Murzinheira, Arruda dos Vinhos, a 25 de Dezembro de 1892. Da sua infância, sabe-se que ficou órfã de mãe com cerca de três anos e que passou a viver com o pai e uma madrinha na quinta desta, estigmatizada pelos mistérios que rodeavam a sua origem e determinavam a posição que ocupava na escala social.

Mais tarde, formou-se pela Escola Normal Primária de Lisboa e especializou-se em psicologia e pedagogia na Bélgica, em França e na Suíça, tendo mesmo chegado a contactar com Piaget. Profissionalmente, chegou a inspectora orientadora do Ensino Infantil, cargo do qual se diz ter sido afastada devido às suas ideias avançadas que se mostravam incómodas.

Como escritora, estreou-se em 1920 com *13 Cantarelos*. Utilizou, entre outros, os pseudónimos João Falco, que abandonou no início dos anos quarenta, e Manuel Sousa, principalmente em trabalhos pedagógicos e de crítica, pelo cuidado que lhe exigiam as condições de mulher e de docente.

Autora de uma vasta obra, escreveu literatura para crianças e jovens, textos de pedagogia, crónicas e novelas centradas em personagens e cenas da vida comum, mas sempre ligadas a aspectos intimistas e autobiográficos, que reflectem uma angústia de profundo isolamento, assim como uma desolada situação de mulher culta e livre amarrada a um país atrasado e provinciano. A forma que encontrou para vencer a solidão foi a convivência aberta com as pessoas simples, aquelas que, transmitindo muitas vezes impressões e meditações da escritora, perpassam a sua obra ficcional.

Entre as suas muitas obras, destacamos: *Um Dia e Outro Dia*, *Solidão I*, *Esta Cidade!*, *Uma Mão Cheia de Nada*, *Outra de Coisa Nenhuma* e *Voltar a Trás Para Quê?*. Colaborou também nas revistas *Presença* e *Seara Nova*, entre outras, assim como em diversos jornais.

Irene Lisboa morreu em Lisboa a 25 de Novembro de 1958.

Rua Lucília Simões (Edital de 31.01.1978) – Filha de Lucinda Simões, actriz, e de Luís Furtado Coelho, actor e empresário, Lucília Simões nasceu no Rio de Janeiro em 1879. Desde muito cedo demonstrou vocação para as artes de palco, inicialmente contrariada pelos pais. Contudo, a sua vontade prevaleceu e, como amadora, entrou na peça *Frei Luís de Sousa*, no Teatro Avenida, em Coimbra. A sua verdadeira estreia viria a acontecer na peça *Madame Sans Gêne*, no Teatro da Rua dos Condes, onde a mãe era empresária.

Após o grande êxito, ao qual se seguiram várias representações, acompanhou a mãe ao Brasil. De regresso, assinou contrato com o Teatro

D. Maria II. Contudo, a oposição de Rosa Damasceno fez com que saísse pouco depois. Voltou desta forma a Coimbra onde integrou o elenco de *Casa de Bonecas*, de Ibsen, peça pela primeira vez representada em Portugal (1897), com a qual obteve grande sucesso.

Seguiu mais uma vez para o Brasil, onde repetiu o êxito conseguido com a obra de Ibsen e onde permaneceu dezoito meses. Em Portugal, pisou os palcos de vários teatros, nomeadamente Politeama, S. Carlos, Trindade, Ginásio, entre outros.

A sua penúltima peça – *O Homem Que Veio Para Jantar* – foi representada em 1951 no Teatro Monumental. Dois anos depois, abandonou o panorama teatral português, cansada e desgostosa com o rumo imposto ao teatro em Portugal. Nessa altura, realizou-se no Teatro Politeama um recital de despedida.

Lucília Simões faleceu em Lisboa em 1962. Foi condecorada com a comenda da Ordem de Santiago, recebeu as Palmas de Ouro da Academia Francesa e as Medalhas da Cruz Vermelha e da Cruz Verde.

Rua Maria Lalande (Edital 31.01.1978) – Notável atriz do meio artístico português, Maria Adelaide Lalande nasceu em Castelo Branco a 7 de Novembro de 1913. As suas excepcionais qualidades artísticas cedo se revelaram e, aos treze anos, matriculou-se no Conservatório Nacional de Lisboa, onde frequentou os cursos de Dança e Teatro.

A sua estreia teve lugar no Teatro da Trindade com a peça *Cova da Piedade*, onde contracenou com Adelina Abranches. Foi, contudo, no Teatro Nacional que, em 1931, desempenhou o seu primeiro grande papel na obra *Romance*, de Gerard Hauptmann. Desde então, não mais deixou de subir ao palco, primeiro no Teatro D. Maria II, depois no Teatro da Trindade.

A considerável galeria das suas criações dramáticas inclui peças de Ibsen (*Casa de Bonecas*), Alexandre Dumas (*Dama das Camélias*), Bernard Shaw (*Pigmaleão*), Tennessee Williams (*Fumos de Verão*), Bernardo Santarém (*António Marinheiro*), Romeu Correia (*Jangada*), entre muitas outras que lhe permitiram revelar o seu instinto de tragédia. Contudo, também interpretou comédia, Gil Vicente e teatro infantil.

Como atriz de cinema, também se revelou nos filmes *Lisboa e Campinos*, *Fátima – Terra de Fé* e *Rosa do Adro*. Foram-lhe atribuídos os seguintes prémios: “Lucinda Simões”, pelo SNI, “Eduardo Brasão” e obteve o primeiro prémio ao terminar o Curso de Teatro do Conservatório de Lisboa.

Maria Lalande faleceu em Lisboa em 1968.

Rua Maria Lamas (Edital de 28.02.1983) – Escritora e jornalista, Maria da Conceição Vassalo e Silva nasceu em Torres Novas a 6 de Outubro de 1893. Até 1910 ali estudou em regime de internato no Convento de Santa Teresa de Jesus, onde recebeu uma educação tipicamente tradicional: aprendeu Português, Francês, labores e piano.

Aos dezoito anos, já casada com o oficial de cavalaria Ribeiro da Fonseca, teve em Luanda a primeira filha. Contudo, aos vinte e cinco anos já se encontrava divorciada, desempregada e com duas filhas para educar. Fixou-se então em Lisboa e, através de uma amiga, entrou em contacto com o mundo do jornalismo, tendo passado a colaborar assiduamente, em particular na área juvenil.

Pela mão de Ferreira de Castro, entrou em 1928 para *O Século*, onde dirigiu a revista *Modas e Bordados*, uma típica revista para donas de casa à qual dedicou vinte anos da sua vida, tentando transformar a mesma em algo mais significativo. Manteve também durante anos a coluna “O Correio da Tia Filomena”, onde, condicionada pela censura, falava da situação das mulheres do seu país. Ainda dentro da temática da mulher portuguesa, promoveu e organizou exposições e mesas de trabalho de mulheres como a Marquesa de Alorna e Carolina Michaelis de Vasconcelos.

Aos vinte e oito anos, voltou a casar e adoptou o apelido do marido: Lamas.

A sua estreia literária deu-se em 1923 com um livro de versos, *Os Humildes*, publicado sob o pseudónimo Rosa Silvestre. Seguiram-se, entre outros, *A Cotovia* (1929), *O Caminho Luminoso* (1930), *Ilha Verde* (1938), *As Mulheres do Meu País* (1948), *A Mulher no Mundo* (1950), *O Mundo dos Deuses e dos Heróis* (1959-61).

A partir de meados da década de 40, assume-se como política, sendo depois eleita presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas em 1945, o que lhe valeu ser afastada em 1947 da direcção da revista *Modas e Bordados* sob a acusação de ser um dos seus mais activos membros, o que desagradava sobremaneira às autoridades da altura.

As suas opções pessoais e a sua ideologia política valeram-lhe várias detenções ao longo da vida, uma das quais por dar o seu apoio à candidatura do General Norton de Matos. Optou pela condição de exilada política, fixando-se em Paris a partir de 1961, na qualidade de membro do Conselho Mundial da Paz. Em 1969, regressou a Portugal e, apesar dos seus oitenta anos, apoiou vigorosamente a Revolução dos Cravos.

Maria Lamas morreu em 1983 com noventa anos feitos. Em 1982, aquela que foi dirigente do Comité Português para a Paz e Cooperação, presidente de honra do Movimento Democrático das Mulheres e directora honorária da revista *Modas e Bordados* até à extinção d’*O Século*, foi alvo

de várias homenagens, tendo recebido das mãos do Presidente da República a condecoração Ordem da Liberdade.

Rua Maria Pimentel Montenegro (Edital de 04.03.1974) – Irmã da escritora Manuela Pimentel Montenegro e Rodrigues, a escritora e poetisa Maria Pimentel Montenegro nasceu em Poiães em 1925. Os seus primeiros versos foram produzidos quando frequentava o 2º ano do liceu e, a partir daí, enveredou pela literatura, através da qual colaborou em vários jornais e revistas, tais como *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, *Jornal de Sintra*, *República*, *Letras e Artes*, etc.

Durante alguns anos, manteve-se afastada do público, tendo reaparecido em 1958. Publicou depois *Asa Ferida* (1960), com o qual recebeu o Prémio Leitor, atribuído pelo jornal *Diário de Lisboa*, *Pássaro de Fogo* (1962), *Concha Azul* e *Carta de Prego*.

A sua obra destaca-se pelos valores humanistas que transmite, pela sensibilidade com que aborda aspectos relacionados com o espírito e o pensamento.

Maria Pimentel Montenegro faleceu em 1970.

Rua Nina Marques Pereira (Edital de 25.11.1971) – Pianista e concertista nascida em Nova Goa a 21 de Novembro de 1911, começou os seus estudos musicais em Lourenço Marques. Em 1928 chegou a Lisboa e, no ano seguinte, fez o curso complementar de piano. Continuando a estudar, concluiu em 1931 o curso superior no Conservatório Nacional de Lisboa com a classificação de 20 valores. Realizou vários espectáculos, quer em Portugal, quer no estrangeiro, nomeadamente em Paris, Londres e Lourenço Marques, sempre aclamada pela crítica.

Oficial da Ordem de Santiago da Espada, ganhou, entre outros, os prémios de Beethoven, o do Conservatório e o de Viana da Mota. Nina Marques Pereira faleceu em Lisboa, em 1968, depois de, por sua iniciativa, se terem realizado Festivais de Música Portuguesa em várias cidades do país, tais como Funchal (1964), Lisboa (1966) e Porto (1967).

Rua Rainha Dona Brites (Denominação não oficial) – Filha dos reis de Castela, D. Sancho IV e D. Maria, D. Brites (forma arcaica de Beatriz) nasceu em Toro em 1293 e tomou-se Rainha de Portugal em 1309 pelo seu casamento com D. Afonso IV, o Bravo.

Deu à luz sete filhos: D. Afonso, D. Dinis, D. João, D. Pedro (o primeiro deste nome, também conhecido por o Justiceiro ou o Cruel), D. Maria (a "Fermosíssima Maria", Rainha de Castela pelo seu casamento com D. Afonso XI), D. Isabel e D. Leonor (Rainha de Aragão).

Tal como a Rainha Santa Isabel, D. Brites desempenhou um importante papel na reconciliação familiar, nomeadamente em 1355 quando, por causa do assassinato de D. Inês de Castro, amor ilegítimo daquele que viria a ser o rei D. Pedro I, serviu de medianeira na contenda entre pai e filho, conseguindo reconciliar os dois.

D. Brites teve igualmente um importante contributo na reforma dos costumes da corte, impondo severas medidas no que diz respeito à apresentação pessoal, à alimentação e à forma dos penteados. Juntamente com o marido, fundou as Mercearias da Sé de Lisboa – obra de benemerência anterior às Misericórdias. Faleceu em Lisboa a 5 de Outubro de 1359 e encontra-se sepultada na capela-mor da referida Sé.

Rua Rainha Dona Catarina (Denominação não oficial) – Neta dos Reis Católicos, filha de Filipe, o Belo, e de Joana, a Louca, e irmã de Carlos V, D. Catarina de Áustria nasceu em Torquemada a 24 de Janeiro de 1507 e tomou-se Rainha de Portugal em 1525 pelo seu casamento com D. João III, o Piedoso. Este casamento foi consequência do facto de seu pai, D. Manuel, ter casado com a irmã mais nova desta, D. Leonor, que estava prometida ao próprio filho. O casal real teve nove descendentes, mas nenhum sobreviveu aos pais, sendo D. João III sucedido no trono pelo neto, D. Sebastião, filho de D. João.

Mulher inteligente e enérgica, D. Catarina exerceu forte influência nos negócios da nação, pois o próprio marido ouvia as suas opiniões em diversos assuntos e permitia-lhe participar, o que acontecia pela primeira vez, nos Conselhos de Estado.

Inicialmente dedicada à educação dos nove filhos, para quem procurou esposas entre as filhas do Imperador Carlos V, D. Catarina viu-se repentinamente viúva em 1557, tendo sido encarregada pelo falecido marido da regência e da educação do neto, D. Sebastião, uma criança de três anos que lhe viria a suceder. Para a apoiar, chamou para junto de si o cardeal Infante D. Henrique que, após reunidas as Cortes em Lisboa, em finais de 1562, assumiria a regência do reino. A rainha-viúva, contudo, não abriria mão do cargo de curadora e tutora do príncipe herdeiro até este atingir a maioridade, o que aconteceu em 1568.

D. Sebastião foi rei com apenas catorze anos de idade. Desde muito cedo demonstrou interesse pelas artes bélicas e um grande zelo religioso. Irrequieto e impulsivo, desejava ele próprio combater o inimigo da cristandade em terras de África.

Foi o que fez em 1578, saindo com uma grande armada em direcção a Tânger e Arzila. D. Catarina bem tentou dissuadir o neto de tão peri-

gosa empresa. Não foi, contudo, bem sucedida e as relações entre avó e neto complicaram-se. Esta, que já completara 71 anos, adoecera gravemente e encontrava-se fraquíssima.

Recolhida no Paço de Xabregas, aflita com a visão do futuro que D. Sebastião teimosamente persistia em desafiar, D. Catarina acabaria por ali falecer em 1578.

Deixou para a posteridade as seguintes obras: o Colégio dos Meninos Órfãos (1549), o Mosteiro do Vale Benfeito (Ordem de S. Jerónimo), o Mosteiro de Pedrógão (Ordem Dominicana), o Mosteiro de S. Francisco de Faro e a Igreja de Sta. Catarina de Lisboa.

Largo Rainha Dona Leonor (Denominação não oficial) – Rainha de Portugal desde 1481, D. Leonor nasceu em Beja a 2 de Maio de 1458, filha do Infante D. Fernando (irmão de D. Afonso V) e de D. Brites (filha do Infante D. João, filho de D. João I). A soberana herdou dos pais o gosto pelas letras, o amor ao estudo, a firmeza de carácter e o espírito de solidariedade. Educada no meio intelectual da corte, teve uma educação esmerada, dirigida por sua mãe, uma senhora inteligente, piedosa e culta, que também não descuroou a educação religiosa da filha, tendo por base o *Leal Conselheiro*, obra de seu avô, D. Duarte.

D. Leonor, a “Princesa Perfeitíssima” nas palavras de mestre Jorge de S. Paulo, ainda não tinha treze anos quando casou com o primo, o futuro D. João II, o Príncipe Perfeito, de quem veio a ter um único filho: o príncipe D. Afonso que viria a morrer em Santarém com apenas dezasseis anos.

Senhora de muitas virtudes e de grande beleza, não foi, porém, feliz no casamento: o marido vivia uma grande paixão com outra mulher, Ana de Mendonça, de quem teve um filho bastardo, D. Jorge. D. Leonor, contudo, soube sempre controlar os seus sentimentos, demonstrando uma dolorosa reserva face aos muitos desgostos com que a vida a colocou à prova.

Regente do reino em 1476, quando D. Afonso V e o príncipe D. João participaram na batalha de Toro, voltou a exercer este cargo em 1478. D. João subiu ao trono em 1481 por morte do pai e empreendeu imediatamente uma verdadeira guerra contra a nobreza, da qual resultou a morte de D. Diogo, irmão da Rainha. O seu espírito bondoso e solidário permitiu-lhe colaborar sempre com o marido, nomeadamente na difícil reforma da assistência: em 1485 iniciou as obras do Hospital das Caldas (em sua memória Caldas da Rainha), a sua mais grandiosa iniciativa (o primeiro grande hospital do país e o mais antigo hospital termal do mundo) com a colaboração do rei; protegeu Gil Vicente, defendendo-o dos poderosos que ele criticava nos seus autos; amparou pintores, escultores, impressores, entre outros.

A morte do filho, além da dolorosa perda, trouxe ainda para a soberana mais uma provação: D. João II, que tinha trazido para a corte, com o consentimento da esposa, o filho D. Jorge, pretendia que este o sucedesse no trono. D. Leonor, todavia, opôs-se firmemente a tal decisão, numa luta que só terminou com a morte do monarca e com a subida ao trono de seu irmão, D. Manuel I.

Uma vez viúva, passou a ter uma vida modesta, vestindo o hábito das franciscanas para melhor exercer as suas actividades caritativas junto dos necessitados. Fundou a Confraria da Santa Casa da Misericórdia em Lisboa (1498) com o objectivo de remodelar as antigas confrarias de caridade portuguesas, defendendo-as de oportunistas; mandou construir o Mosteiro da Madre Deus (Mosteiro de Santa Clara) com o anexo Paço de Xabregas (1489-1509) e ainda a Igreja da Merceana, o Convento de S. Domingos da Anunciada em Lisboa (1519) e, provavelmente, promoveu a construção das Capelas Imperfeitas, na Batalha, que se destinavam a jazigo da família.

D. Leonor faleceu em Lisboa a 17 de Novembro de 1525, após ter atravessado quatro reinados, numa época intensa e variada da vida nacional em que se deu a guerra com Castela, a preparação das Descobertas, as viagens, o descobrimento da Índia e do Brasil, a consolidação do império ultramarino, com todos os esforços políticos e militares que tudo isso implicou. Foi em todos os aspectos um espírito excepcional, uma verdadeira Rainha que soube estar à altura do destino da nação.

Rua Rainha Dona Maria I (Denominação não oficial) – Primeira Rainha a reinar em Portugal (1777-1816), D. Maria Francisca Isabel Josefa Antónia Gertrudes Rita Joana, filha primogénita de D. José I e de sua esposa, D. Mariana Vitória de Áustria, nasceu em Lisboa a 17 de Dezembro de 1734. Como o casal real não teve descendência varonil, D. Maria foi princesa da Beira e do Brasil.

Segundo os seus biógrafos, em criança era muito bela, inteligente e precoce: aos três anos recitava várias orações; aos quatro lia na perfeição em português e castelhano; e aos cinco começou a aprender latim. Da sua educação fizeram parte ainda a música e a pintura. Tal como a mãe, foi uma excelente cavaleira.

Como herdeira da coroa, o seu casamento tinha especial importância. Não lhe faltaram pretendentes, mas acabou por casar a 6 de Junho de 1760 com o tio, o príncipe D. Pedro (a quem atribuiu o título de Rei D. Pedro III), dezassete anos mais velho.

Açabada de subir ao trono, em 1777, o Marquês de Pombal, primeiro-ministro de D. José, seu pai, apresentou-lhe a demissão. Porém, foi-lhe

instaurado um processo que culminou com a sua condenação. D. Maria perdoou-lhe, exigindo-lhe apenas que se afastasse para bem longe da corte. Assim que subiu ao trono, mandou libertar todos os presos de Estado que se encontravam nas cadeias e regressar a Portugal todos os que, por motivos políticos, se encontravam desterrados ou no exílio. Declarou ainda inocente a família Távora, condenada pelo Marquês de Pombal. Estas medidas, que visavam equilibrar os excessos de autoridade do despotismo pombalino, ficaram conhecidas como *Viradeira*.

Em 1786, ficou viúva e, dois anos mais tarde, perdeu o filho, D. José, herdeiro do trono.

Hábil no governo do reino, desenvolveu uma intensa actividade legislativa, assinou um tratado de comércio com a Rússia (1789) e enviou missões científicas ao ultramar português (Brasil, Angola, Moçambique e Cabo Verde). Desenvolveu igualmente os meios de comunicação (estrada Lisboa – Coimbra – Porto), fundou a Academia Real das Ciências, a Real Biblioteca Pública de Lisboa, a Academia Real da Marinha, a Academia Real das Fortificações, Artilharia e Desenho, a Casa Pia de Lisboa (1782), o Teatro S. Carlos, hospitais no Brasil e em Portugal, o Convento de Jesus e a Basílica da Estrela, entre outras instituições. Durante o seu reinado foi ainda criada a lotaria (1783) e inaugurada a iluminação pública.

A sua saúde mental, contudo, sofreu graves abalos, tomando-a incapaz de reinar a partir dos finais de 1791. Foi o filho, o futuro D. João VI, que passou a despachar em nome da mãe e que assumiu a regência do reino.

D. Maria I partiu com a família para o Brasil em 1807, onde acabou por falecer (Rio de Janeiro) em 1816. O seu corpo foi trasladado para a Basílica da Estrela, em Lisboa, onde se encontra o seu túmulo.

Largo Rainha Santa Isabel (Edital de 01.08.1990) – Rainha de Portugal pelo seu casamento com D. Dinis, era filha de D. Pedro III de Aragão e de D. Constança, filha de Manfredo, Rei de Nápoles e da Sicília; era ainda neta de Jaime I, o Conquistador, e do Imperador Frederico II, assim como sobrinha-neta de Santa Isabel, Rainha da Hungria.

Pensa-se que D. Isabel nasceu em Saragoça em 1269, tendo recebido na corte aragonesa uma educação esmerada. Já aos oito anos se dedicava muito a exercícios de piedade e devoção, o que, aliado à sua beleza, a tornou conhecida até nas Cortes da Europa.

A princesa não tinha falta de pretendentes. Dando corpo ao tradicional papel político-diplomático do casamento, D. Dinis procurou a aliança com o reino de Aragão, fundamental em termos políticos e económicos, através da união com a princesa aragonesa. Em 1281 foram

determinadas as bases do contrato do seu casamento com D. Dinis, onde constava a doação, feita a D. Isabel pelo nosso rei, de Óbidos, Abrantes e Porto de Mós, o mais generoso dote que até à data fora concedido a uma Rainha de Portugal.

O casamento foi realizado por procuração em Barcelona em Fevereiro de 1282, tinha a princesa apenas doze anos, e, pouco depois, a nova Rainha veio para Portugal, tendo sido recebida em Trancoso por D. Dinis e pela maior parte da nobreza. Nesta vila, na Igreja de S. Bartolomeu, realizou-se o matrimónio a 24 de Junho, com festas e celebrações como o país jamais vira.

Desta união nasceram dois filhos: D. Constança, que casou com D. Fernando IV de Castela, e D. Afonso, que veio a ser D. Afonso IV de Portugal. Inicialmente um marido dedicado, D. Dinis passou a menosprezar a esposa, levando para o Paço os filhos bastardos que a rainha acolhia com todo o respeito e carinho.

D. Isabel continuou em Portugal a exercer as suas práticas religiosas, dedicando-se a fazer o bem e a espalhar a concórdia, nomeadamente entre o marido e seu irmão, o infante D. Afonso (1287 e 1299), entre Jaime III de Aragão e Fernando IV de Castela (1300-1304) e entre D. Dinis e o seu filho, D. Afonso IV (1312-1324). Entre as suas actividades, contam-se a participação na fundação do Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, e do Hospital dos Inocentes, em Santarém. Dedicou-se afincadamente a obras de solidariedade, para grande contrariedade do marido, mas que lhe valeram ser popularmente apelidada “Rainha Santa”.

D. Dinis faleceu em 1325. D. Isabel chegou a pensar em professar. Contudo, como a sua missão no mundo ainda não tivesse terminado, foi aconselhada a não o fazer, limitando-se a recolher-se ao Convento de Santa Clara, envergando o hábito de clarissa.

De regresso a Portugal, depois da segunda peregrinação a Santiago de Compostela, procurou apaziguar a desavença entre o filho, D. Afonso IV, e o neto, D. Afonso XI de Castela, mas, já sem saúde, acabou por falecer a 4 de Julho de 1336 em Estremoz, sem conseguir atingir o objectivo que se propusera. O seu corpo foi transportado com toda a solenidade nove dias depois para Coimbra, conforme a soberana havia determinado em testamento, onde se encontra sepultado ainda hoje.

D. Isabel foi chorada pelo povo, que prestava culto à sua memória e difundia lendas sobre milagres por si realizados, nomeadamente o célebre “Milagre das Rosas”.

Posteriormente, em 1612, o seu túmulo foi aberto, por ordem do Papa Paulo V. O corpo encontrava-se intacto, o que veio confirmar a sua

fama de santidade. A 25 de Maio de 1625 foi canonizada por bula papal de Urbano VII, sendo o dia de aniversário da sua morte dia festivo em todo o reino.

Em sua honra, foi erigida uma igreja sob a sua invocação no século XVIII em Lisboa, sede da paróquia de Santa Isabel, criada por D. Tomás de Almeida, patriarca da capital.

Desconhecemos as origens dos seguintes topónimos: **Rua das Verónicas, Vila Clotilde, Vila Emília, Pátio Dona Amélia, Estrada e Rua das Garridas.**

LEITURAS

Bibliografia

Botelho, Luiz Silveira, *A Mulher na Toponímia de Lisboa*, Câmara Municipal de Lisboa, 1990.

Coelho, Jacinto do Prado (Direcção), *Dicionário de Literatura*, Porto, Figueirinhas, 1978.

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura.

Gabinete de Estudos Olisiponenses, CORVUSBase – Base de Dados de Toponímia.

Machado, Álvaro Manuel (Organização e direcção). *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença, 1996.

Santana, Francisco, e Sucena, Eduardo, *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, 1994.

Sousa, Manuel de, *Reis e Rainhas de Portugal*, Sporpress, 2000.

Terceiras Jornadas de Toponímia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2000.